

Não, Eu Não Tenho Todo o Tempo do Mundo!

Beatriz Breves

Assim como

Todas as portas são diferentes

Aparentemente

Todos os caminhos são diferentes

Mas vão dar todos no mesmo lugar

Sim

O caminho do fogo é a água

Assim como

O caminho do barco é o porto

O caminho do sangue é o chicote

Assim como

O caminho do reto é o torto

O caminho do risco é o sucesso

Assim como

O caminho do acaso é a sorte

O caminho da dor é o amigo

O caminho da vida é a morte¹

(Raul Seixas/ **grifo nosso**)

O tempo pode ser compreendido como uma sensação subjetiva de escoamento de algo que acontece no intervalo entre o antes e o depois; ou seja, um sentimento de que algo flui, entre o que acontece mais cedo e o que acontece mais tarde, até o instante presente.

Como um ensaio de idéias pode ser dito que esta maneira de experimentar o tempo teria se dado de forma mais elaborada por ocasião da saída do Homem das cavernas e início da vida em comunidade; até porque, naquela época, o ser humano “via-se obrigado a permanecer de forma isolada (...) não podia suportar de outra forma, a não ser tocado em cavernas, o gelo que cobria a maior parte de seu meio ambiente”². Portanto, morando nas cavernas, com pouquíssima mobilidade e mínima capacidade de transformar o meio que habitava, a noção de tempo e espaço deveria ser experimentada de forma bastante primitiva, praticamente no âmbito da experiência pura.

Com a elevação da temperatura da terra foi possível sair das cavernas. O Homem passou a viver a vida de forma civilizada, agregando-se em comunidades primitivas, nas quais se deram o surgimento das instituições, da religião, do estado, etc.

E na ocupação deste novo lugar, com mais mobilidade e maior capacidade transformadora, pode aprender que seria preciso plantar antes para colher depois, começando a “experimentar a si mesmo como um ser em expansão e transformador”³, vivenciando uma nova concepção de tempo e espaço.

¹ Raul SEIXAS et alli. Caminhos II. <http://letras.terra.com.br/raul-seixas/83546/>

² Maria Beatriz Breves RAMOS. O Homem Além do Homem. p: 20.

³ ibid

Esta compreensão permite distinguir o tempo de forma a contextualizá-lo no campo psicológico⁴. O ser humano é capaz de lembrar o passado, mas não o futuro, ou seja, pode rememorar, através das lembranças, os acontecimentos que escoaram do passado até o agora; mas, não pode rememorar do agora até o futuro, pois, neste intervalo, ainda não aconteceu algo para fluir.

Abrindo um parêntese, com certa segurança, pode ser pensado que há um consenso, até que se prove ao contrário, que o único instante que existe é o instante presente, pois o passado é lembrança e o futuro ainda não aconteceu. No entanto,

Mesmo sendo um intervalo muito pequeno, no processo de pensar, entre a assimilação dos estímulos e o processamento destes, há um intervalo de tempo, o que significa que quando o ser humano pensa o presente este já é passado. Portanto, somos seres que sentimos o presente, mas pensamos o passado.⁵

E sendo assim fica a dúvida de uma pergunta: seria o presente uma utopia?!

Outra forma de se distinguir o tempo seria concebê-lo através da expansão cósmica, ou seja, na direção de um universo menos expandido para um universo mais expandido.

Desde suas origens, no Big Bang, o universo que era do tamanho zero, em um processo de expansão e transformações, levou em torno de 15 bilhões de anos para atingir, em sua evolução, como o conhecemos hoje; e continua evoluindo, o universo continua em expansão.

E foi na linha do tempo-espaco deste processo evolutivo de expansão cósmica, que, tal qual tudo deste universo, o sistema solar, o planeta terra e o ser humano aconteceram e vêm acontecendo. Sendo assim somos um dos resultados das diversas transformações ocorridas no nosso universo em expansão.

Mas ao ser humano cabe uma particularidade que é importante explicitar. O ser humano, dentro do que se conhece, é o único ser capaz de pensar, interpretar e modificar a natureza.

No entanto, também, é importante destacar que o ser humano só poder pensar e interpretar a partir do referencial de seus sentidos, de sua percepção, que só tem capacidade para assimilar e processar alguns aspectos da natureza. Em consequência, divide a natureza macromicro – una, inteira e indivisível, ilusoriamente, em macrocósmica e microcósmica, ou seja, em dois níveis: o nível macro que, podemos simplificar, representa os aspectos da natureza que os nossos sentidos alcançam, o nosso dia-a-dia, o imaginável; e o nível micro que, podemos simplificar, representa os aspectos da natureza que os nossos sentidos não alcançam, o inimaginável.

⁴ Stephen W. HAWKING - “Há pelo menos três setas de tempo que distinguem o passado do futuro, que são a seta termodinâmica, direção do tempo em que a desordem aumenta; a seta psicológica, direção do tempo na qual se recorda o passado e não o futuro; e a seta cosmológica, direção do tempo em que o universo se expande mais do que se contrai.” Uma Breve História do Tempo. p: 210/11.

⁵ Maria Beatriz Breves RAMOS, O Homem Além do Homem. p: 62.

Em outras palavras, “o ser humano só pode assimilar e conceber a natureza dentro de uma das diversas qualidades que ela pode assumir, ou seja, (...) só pode assimilar e conceber a natureza a partir da condição humana, a partir da sua Dimensão H”⁶, a dimensão da espécie Humana.

E esta seria “o ponto de origem da criação de todas as concepções humanas, ou seja, a ciência, a filosofia, o mito, etc. tudo o que o homem concebeu e ainda irá conceber”⁷; e que assim como, a partir desta dimensão, fragmentamos a natureza em macro e micro, também, fragmentamos o conhecimento em diversas áreas do saber.

É importante se dar conta que cada ser deste universo irá concebê-lo a partir de sua dimensão. “Um gato assimila o mundo a partir do que podemos denominar de Dimensão G; um Cão, da Dimensão C; um morcego, da Dimensão M; e assim por diante”⁸. Conseqüentemente, a natureza pode ser configurada em diversas formas, dependendo do Ser em questão.

Indo pouco mais além, se “(...) os conteúdos concebidos pela capacidade reflexiva do homem representam um aspecto virtual do universo (...) o Eu, ou melhor, a Pessoa Humana seria um Ser virtual do universo”⁹. Um ser singular, no qual, cada um, a partir da Dimensão H, teria a sua própria Dimensão h, a dimensão da realidade psíquica, o lugar do qual, em si mesmo, cada um assimila e processa a natureza individualmente.

E, indo mais além ainda, mesmo cada Ser processando o universo a partir de sua limitada dimensão, todos, em um determinado nível, somos uno e indivisível, vibrando juntos, na totalidade macromicro do universo.

Como um parêntese, confirmando esta tendência, uma das grandes contribuições da física quântica foi a demonstração de que há limites impostos à condição humana na sua relação com a natureza. Um conhecimento revolucionário advindo com o Princípio da Incerteza que demonstrou que jamais o Homem poderia precisar a posição de um elétron no interior atômico.

Muito mais do que um novo paradigma restrito a um campo específico é um conhecimento que aponta para uma nova concepção de mundo, com uma natureza não determinista, não imaginável, das probabilidades e das interconexões.

Deste modo, serão tantas dimensões h e, portanto, tantas versões de mundo e de vida quanto quantas pessoas existirem, sem falar da responsabilidade individual e cósmica de cada Ser.

Como diz a canção:

(...) Todo mundo ama um dia todo mundo chora,
Um dia a gente chega, no outro vai embora

⁶ Ibid. p: 46

⁷ Maria Beatriz Breves RAMOS, O Homem Além do Homem. p:48.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid. p: 48.

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
E ser feliz (...) ¹⁰
(Almir Sater e Renato Teixeira)

Um outro conhecimento que pensamos não pode ser excluído desta reflexão e que se fez revolucionário é o de que o tempo se inclui na pintura. Como escreveu Kandinsky no início do século XX:

O problema do tempo na pintura é autônomo e complexo. Foi ainda há pouco tempo que se começou a demolir o muro. Esse muro separava, até agora, dois domínios da arte: a pintura e a música (...) **(na pintura) O ponto é a forma temporal mais concisa** (...) (A linha surge) quando uma força exterior faz mover o ponto numa determinada direção, (assim) cria-se o primeiro tipo de linha que mantém inalterada a direção tomada (...) Esta é a linha reta que apresenta, na sua tensão, a forma mais concisa da infinidade de possibilidades de movimento. Substituímos por “tensão” a noção usual de “movimento” (...). A tensão é a força viva do movimento (...) (Portanto) Os elementos da pintura são resultados reais do movimento como: 1. Tensão e 2. Direção. (...) (nos quais) o ponto apenas possui tensão e pode não ter direção, enquanto a linha possui indubitavelmente tensão e direção. ¹¹ (*grifo nosso*)

De forma a tornar este conceito mais claro, pensemos em um lápis e um papel. Se quisermos desenhar, começamos por encostar o grafite no papel e neste instante temos um ponto, ou seja, um estado de tensão. Como um segundo movimento, começamos a expandir o ponto inicial na direção que quisermos e, assim, se faz o desenho, no qual cada ponto representaria a forma temporal mais concisa, com tendência de expansão na direção da linha.

Curioso observar que esta concepção de tempo na pintura foi praticamente simultânea ao conceito do contínuo espaço-tempo introduzido por Einstein.

Um tempo-espaço relativo e que configura a quadridimensionalidade do espaço-tempo que habitamos, que mesmo não sendo visível, deixa seus rastros, por exemplo, no processo de deterioração da passagem da própria vida; e, sendo assim, nos permite dizer que transforma a cada um de nós, um ser vivo, em uma marca de seu próprio rastro.

E, mais, acontecendo a nossa existência no intervalo entre o nosso nascimento e a nossa morte, algo que flui entre um antes e um depois, desenhamos cada um de nós, com a nossa existência, uma das linhas da grande tela cósmica.

Deste modo, ocupando um lugar nesta linha da evolução cósmica, nos tornamos uma criatura na fluidez do espaço-tempo, condição que transforma cada um de nós em seres pontuais dos instantes cósmicos da linha evolutiva do universo.

¹⁰ Almir SATER e Renato TEXEIRA. Tocando em Frente. <http://letras.terra.com.br/almir-sater/44082/>

¹¹ Wassily KANDINSKY, in: Macromicro – A Ciência do Sentir p: 99 e 108.

E foi nesta direção que propusemos o inconsciente relativístico (1998), um inconsciente que possui tempo, um tempo dilatado se comparado ao tempo de nosso dia-a-dia. No qual, a “consciência por ser passível de capacidade simbólica estaria inserida no contexto de três dimensões. E tudo o mais do psiquismo que tem seus efeitos, mas não é passível de construção simbólica estaria em quatro dimensões, onde o tempo é a quarta dimensão (...)”¹²

E ainda, “(...) a capacidade simbólica faz-se através do somatório dos instantes do contínuo espaço-tempo”¹³. A associação de idéias seria um bom exemplo para demonstrar esta concepção: “uma idéia salta para outra como uma cadeia de elos de lembranças, somando-se todos os instantes de lembranças no espaço-tempo (...)”¹⁴.

Dizendo de forma mais clara, a consciência se torna um instante da totalidade; e isto se daria através da fixação do eixo do tempo, que viabilizaria as condições para a nossa capacidade simbólica, remetendo cada lembrança para o instante presente, expressão da forma concisa do tempo.

Antes de prosseguir, cabe lembrar de que “a afirmação de que em Matemática todo conceito é definido é excessivamente pretenciosa. É necessário estabelecer alguns pontos de partida, isto é, alguns conceitos devem ser adotados sem definição (conceitos primitivos) para que todos possam ser definidos a partir dele”.¹⁵

E assim acontece com a idéia do ponto. O ponto geométrico é um conceito primitivo e, portanto, não possui definição. “A idéia do ponto não pode ser materializada por algo que tenha dimensão, espessura, massa ou que possa ser subdividido em partes (...) mas espera-se que todas as pessoas imaginem a mesma coisa quando lêem esta palavra, sem necessidade de uma definição”¹⁶. Todas as figuras - retas, círculos, etc., se formam a partir dele, ou seja, retas, círculos, etc. são conjuntos de pontos.

Tal qual também cabe dizer que propusemos o sentir (1998) como um conceito primitivo. “A idéia do sentir não pode ser materializada por algo que tenha dimensão ou espessura, massa ou que possa ser subdividido em partes”¹⁷, mas espera-se que todas as pessoas tenham uma idéia semelhante sobre o que seria sentir.

Retornando a Kandinsky com a concepção do ponto geométrico:

O ponto geométrico é um ser invisível. Deve, portanto, ser definido como imaterial. Do ponto de vista material, o ponto compara-se ao zero.

Mas este zero esconde diferentes propriedades “humanas”. Segundo a nossa concepção, este zero – o ponto geométrico – evoca o laconismo absoluto, ou seja, a maior retenção mas, no entanto, fala.

¹² Maria Beatriz Breves RAMOS, *Macromicro A Ciência do Sentir*, p: 76.

¹³ *Ibid*, p: 78

¹⁴ *Ibid*, p: 79.

¹⁵ Aref Antar NETTO et alli. In: *Macromicro A Ciência do Sentir*, p: 95.

¹⁶ *Ibid*.

¹⁷ Maria Beatriz Breves RAMOS, *Macromicro A Ciência do Sentir*, p: 97.

Assim o ponto geométrico é, segundo a nossa concepção, a última e única união do silêncio e da palavra.

Eis porque o ponto geométrico encontrou a sua forma material em primeiro lugar na escrita – ele pertence à linguagem e significa o silêncio.

Na fluidez da linguagem, o ponto é o símbolo da interrupção, o Não-ser (elemento negativo) e, ao mesmo tempo, é a ponte entre um Ser e outro (elemento positivo). Na escrita, é essa a sua significação interior. (...)

O interior está murado pelo exterior

O ponto faz parte do domínio dos hábitos ancorados em nós com a sua ressonância tradicional que é muda.¹⁸

Inspirando-me em Kandinsky e ao conceber o ser humano como um ser pontual na linha da evolução cósmica, penso a pessoa humana acontecendo nos limites da percepção que impõe, pela fixação do eixo do tempo, a partir da Dimensão H, a fronteira entre o visível e o não visível, o perceptível e o não perceptível, o material e o não material, etc.

E, ainda, que neste limite, o ser humano evocaria o laconismo absoluto, a concisão absoluta, ou seja, a maior retenção; mas, no entanto, fala.

Então eis porque como pessoa, encontra a sua forma material de expressão em primeiro lugar na linguagem, pertence à linguagem e significa o silêncio. E na fluidez da linguagem é o símbolo da interrupção, ao mesmo tempo em que é a ponte entre o Eu e o Outro. O interior está murado pelo exterior.

Portanto, o ser humano se estruturaria no pulsar da tensão e expansão de sua existência!

E seria no ritmo desta tensão e expansão, que cada um de nós se revela no rastro do tempo e contratempo, da pausa e silêncio! Pois, como seres humanos, nós somos revelados no tempo da existência, no contratempo da finitude, na pausa da vida e no silêncio da morte.

Conseqüentemente, nos tornamos o artista pintor do auto-retrato de nossa existência, no qual, “cada quadro encerra misteriosamente toda uma vida, uma vida com seus sofrimentos, suas dúvidas, suas horas de entusiasmo e de luz”, como disse Kandinsky sobre o artista e sua tela.¹⁹

Ainda no campo de novos conhecimentos, nos dias de hoje, com a teoria das Cordas, concebemos a estrutura da matéria como minúsculos laços de cordas vibrantes; e, sendo assim, descubro a mim e ao outro como um ser vibratório e, por que não, como uma composição musical cósmica!

E me transponho a Wisnik, que escreve:

A produção da música tradicional indiana liga-se a uma experiência do tempo produzido como pulso e desdobrado através de princípios ou escalas de recorrência cósmica que a

¹⁸ Wassily KANDINSKY, in: Macromicro – A Ciência do Sentir p: 97/8.

¹⁹ Ibid, p:116

música procura captar, afinando-se por elas. A sensação do tempo é dada pela afinação corporal e espiritual com uma série de ciclos micro e macrocósmicos integrados, codificados em cadeias analógicas. Os acentos organizam o tempo, mas não o articulam. O metro “é ordem, mas não medida”. Pois o tempo, para o indiano, não é um conceito quantitativo, mas um fator de qualidade, relativo à disposição psíquica do homem e isento de medição racional por relógio ou metrômetro. O tempo é a afinação dos pulsos, experiência da sobreposição infinita das fases e defasagens, descoberto no coração do instante, no fluxo do improviso, através dos meios criados por uma cultura que crê, simplesmente, que a realidade do universo não é nada mais (nada menos) do que música.²⁰

Inspirando-me em Wisnik, a pessoa humana é uma composição cósmica que se liga a experiência do espaço-tempo, produzindo-se como pulsos vibratórios através de princípios ou escalas de recorrência cósmica.

Sente a sensação do espaço-tempo dado pela afinação corporal, psíquica e espiritual com uma série de ciclos macromicro integrados.

E apesar das aparências deste mundo quantitativo e obtuso pelos limites da percepção, não é, enquanto pessoa, um conceito quantitativo, mas um fator de qualidade, relativo à disposição psíquica de um ser e isento de medição racional por relógio ou metrômetro.

É a experiência da sobreposição infinita das fases e defasagens, descoberto no coração do instante, no fluxo do improviso do sentir sentimentos e sensações que apreende, simplesmente, que a realidade do universo não é nada mais nada menos do que vibrações.

Vibrações que se expressam no sentir sentimentos e sensações; e que nas relações humanas, pela ressonância, compõem a pessoa.

O sentir é o elemento universal do ser humano. Desde que o homem se conhece como homem, ele sente; o que pode variar é a expressão do sentir. O sentir ultrapassa os tempos, as culturas, as raças, as religiões, etc.²¹

É ódio, desespero, solidão, sede, tristeza, frio, dor, calor, medo, quente, angustia, etc.; mas, principalmente, amor.

E, neste momento, não consigo não pensar na Raposa e no seu grande ensinamento:

- A gente só conhece bem as coisas que cativou (...) (e para cativar é) preciso ser paciente (...) tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto (...) foi o tempo que perdeste com tua Rosa que fez tua rosa tão importante (disse a raposa).²²

²⁰ José Miguel WISNIK, in: Ramos, M.B.B. Macromicro a Ciência do Sentir. p: 100/1.

²¹ Maria Beatriz Breves RAMOS. Macromicro – A Ciência do Sentir, p: 94.

²² A SAINT-EXUPERY. O Pequeno Príncipe. p: 70, 71, 74.

Um ensinamento perdido através dos tempos! Perdido, talvez, pelo medo de perder implantado neste mundo contemporâneo que se configura no conceito do descartável! Vivemos no mundo dos descartáveis, até nossas vidas vem se tornando descartáveis!

Dia-a-dia, observamos a desordenação das nossas geleiras, das nossas matas, da camada de ozônio, de nosso eco-sistema; e, tudo isto, pela ação do Homem que se abandona a própria sorte, ao desamparo e solidão.

E isto nos remete a uma terceira forma de distinguir o tempo. A concepção do tempo de fluidez da ordem para a desordem, da complexidade para a simplificação.

Se o universo caminha da complexidade para a simplificação, o “que aconteceu para levar a molécula orgânica a inverter este processo, e mais, a manter esta inversão formando condições cada vez mais complexas?”²³ chegando ao nível da complexidade humana. “Sendo a matéria orgânica tão simples, no seu início, seria muito mais coerente esperar a sua desorganização imediata e não a sua organização em maior e maior complexidade até atingir ao ser humano, um ser extremamente complexo”²⁴

Neste nível de compreensão, enquanto seres vivos, andamos na contramão cósmica.

E o ser humano nos seus conflitos impostos pela civilização se perde assustado com tudo o que transformou desde seus ancestrais nas cavernas! Vivendo no labirinto da sua angústia existencial, assustado, quem sabe, agarra-se ao imediatismo como forma de existir e não perder!

Mas se perde cada vez mais!

Se perde talvez por não conseguir assumir o paradoxo de que cada tempo ganho é simultaneamente cada tempo perdido. Ao contrário, de forma contraditória reluta a sua própria condição de ser vivo, não aceitando perder tempo para cativar e se deixar cativar, para então investir e se deixar investir no amor, que liga, une e constrói as relações.

É a globalização, a racionalidade, a incerteza, a onipotência, a impotência, o real virtual, o virtual real; a engenharia genética, os clones, a fome, a miséria, o preconceito, as guerras, etc., o progresso e o retrocesso. Um bombardeio de informações e experiências que se prolifera em tantos antes e tantos depois que o ser humano, sobrecarregado, não consegue assimilar!

E, nesse processo, como questionou Freud:

A questão fatídica para espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. (...) Só nos resta esperar (que) o

²³ Maria Beatriz Breves RAMOS, *Macromicro – A Ciência do Sentir*. p: 57.

²⁴ *Ibid.*

eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu menos imortal adversário. **Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?** ²⁵ (grifo nosso)

Afinal, a ignorância se configura o paradoxo do conhecimento!

Tempo e Contratempo/Pausa e Silêncio

Não entendo.
Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender.
Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras.
Sinto que sou muito mais completa quando não entendo.
Não entender, do modo como falo, é um dom.
Não entender, mas não como um simples de espírito.
O bom é ser inteligente e não entender.
É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doida.
É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice.
Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco.
Não demais: mas pelo menos entender que não entendo.
(Clarice Lispector) ²⁶

Referências Bibliográficas:

- BURNS, E.M. in: Ramos, M.B.B. Macromicro A Ciência do Sentir. RJ: Mauad. 1998
FREUD, S. Mal Estar na Civilização. ESB. RJ: Imago. 1974.
HAWKING, S.W. Uma Breve História do Tempo. 8ª. Edição. RJ: Rocco. 1988.
KANDINSKY, W. in: Ramos, M.B.B. Macromicro A Ciência do Sentir. RJ: Mauad. 1998.
LISPECTOR, C. Não Entendo. <http://www.encantosepaixoes.com.br/poesia2757.htm>
NETTO, A. et alli. in: Ramos, M.B.B. Macromicro – A Ciência do Sentir. RJ: Mauad. 1998
RAMOS, M.B.B. Macromicro A Ciência do Sentir. RJ: Mauad. 1998
_____. O Homem Além do Homem. RJ: Mauad. 2001
SATER, A. & TEXEIRA, R. Tocando em Frente. <http://letras.terra.com.br/almir-sater/44082/>
SAINT-EXUPERY, A. de. O Pequeno Príncipe: 70, 71, 74. RJ: Agir. 1982.
SEIXAS, R. et alli. Caminhos II. <http://letras.terra.com.br/raul-seixas/83546/>
WISNIK, J.M. in: Ramos, M.B.B. Macromicro A Ciência do Sentir. RJ: Mauad. 1998

²⁵ Sigmund FREUD, Mal Estar na Civilização p: 170,171.

²⁶ Clarice LISPECTOR. Não Entendo. <http://www.encantosepaixoes.com.br/poesia2757.htm>